



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

IANE VITÓRIA DA SILVA MORAIS

ÁFRICA: TÁ NO NOSSO SANGUE, TÁ NA NOSSA ORIGEM

**GUARABIRA-PB
2022**

IANE VITÓRIA DA SILVA MORAIS

ÁFRICA: TÁ NO NOSSO SANGUE, TÁ NA NOSSA ORIGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira-PB como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História, sob orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

**GUARABIRA-PB
2022**

IANE VITÓRIA DA SILVA MORAIS

ÁFRICA: TÁ NO NOSSO SANGUE, TÁ NA NOSSA ORIGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira-PB como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História, sob orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Aprovada em: 10 /03/2022.

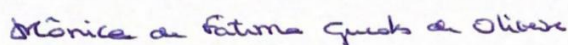
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Profª Drª Rita de Cássia da Rocha Cavalcante
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)



Profª MS. Mônica de Fátima Guedes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)

Ao meu pai, Luiz Soares de Morais, pela
dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À coordenadora do curso de História Prof^a Joedna Reis de Meneses, por seu empenho.

Ao Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas, pelas observações e leituras sugeridas ao longo da orientação e pela sua dedicação.

Ao meu pai Luiz Soares de Morais, a minha avó Dona Maria, as minhas tias Sueli e Severina, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A minha mãe Inês Alves da Silva, que sempre foi presente na minha caminhada acadêmica, não deixando desistir do curso e me motivando para seguir em frente na realização dos meus sonhos e objetivos, que segurou e segura minha mão nos momentos difíceis da minha vida, sou grata por ter a melhor mãe do mundo, as noites em claro que passei e ela via e presenciava o quanto ansiosa estava na escrita desse TCC, muitas vezes chorava comigo, batalhou bastante na vida, seu sonho era ter e ver um filho Professor/a. Infelizmente não teve a mesma oportunidade que eu de estudar. Hoje sou Professora, me orgulho e sou apaixonada por essa profissão.

Aos Professores/as da minha caminhada educacional, desde o Ensino Básico ao Ensino Superior, em especial aos/as professores/as da UEPB Campus III Osmar de Aquino, por contribuírem durante cinco anos com a minha formação, por meio das disciplinas e debates, que assim culminaram e contribuíram no desenvolvimento desta pesquisa e da minha formação profissional.

Aos funcionários/as da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

A Deus por ter colocado um ser de luz na minha vida, José Renan da Silva Souza, que deu o maior apoio e orientações, me motivando e mostrando o quanto eu conseguiria e seria capaz de produzir este Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus irmãos, tão importantes para mim, Iago da Silva Morais e Igor da Silva Morais.

Aos meus colegas de infância que estão sempre ao meu lado, nas melhores e piores horas.

Aos colegas da turma pelos momentos de amizade, em especial a Rosa Ana Roberta, carinhosamente (Rosinha) uma amiga que conheci na faculdade e quero manter pela vida, sou grata pelas pessoas que conheci durante minha caminhada acadêmica.

Obrigada Deus por tudo que fizestes e fazes na minha vida, hoje estou concluindo mais um ciclo da minha vida e estou muito feliz por tudo que o Senhor fez e vai fazer na minha vida.

Obrigada!

“Duro não é o cabelo... é o sistema”.
(Autor Desconhecido)

RESUMO

África, considerada o berço da humanidade, mãe do nascimento do homem. O continente africano é o terceiro maior em extensão de terra e um dos mais populosos do mundo, nele existem dezenas de idiomas e diferentes culturas, por isso, é multicultural. A África sofreu, e ainda sofre as consequências da captura de seus filhos e da escravização que os africanos foram submetidos no Brasil, processo que se iniciou no século XVI. Nem os filhos da terra Brasil, ou seja, os indígenas, tiveram paz, pois também foram escravizados, capturados e assim antes do povo africano, utilizados como mão de obra escravizada. A africanidade da gente brasileira independe da tonalidade de pele e do tipo de cabelo, está no que o brasileiro é e faz enquanto cultura, ela está na dança, músicas, religião, na culinária e no modo como se fala e se escreve a língua portuguesa. A cultura africana chegou ao Brasil no corpo, na mente e nas práticas dos povos africanos traficados pelos portugueses desde o século XVI e no Brasil foram escravizados. Ela está no que somos, fazemos e por intermédio dos vários elementos se constrói a identidade racial brasileira. Nesse contexto, qual é a identidade racial da gente brasileira? A sociedade brasileira, apesar de constituída pela maioria negra, aceita-se como tal? Reconhece e valoriza a história e a cultura da gente negra? O povo negro tem orgulho de seus traços? Que traços são esses? O presente trabalho de conclusão de curso, mediante isso, propõe-se analisar a presença da cultura africana na sociedade brasileira, especificamente o processo de aceitação dos traços estéticos do cabelo negro como constituidor da identidade negra. Os procedimentos metodológicos se deram através de pesquisas bibliográficas, trabalhando com seleção e análises de músicas e imagens sobre a temática a partir de buscas por fontes (textos, resenhas, ensaios, artigos, teses e livros), dialogando com autores/as e especialistas no assunto a exemplo de Gomes (2008), Anjos (2017), Santos (2010) Pinheiro (2015) Quijano (2005). A formação do Brasil e seus pilares regentes têm uma tessitura construída pelo povo negro, a cultura afro-brasileira se faz presente em tudo que é parte. Mas o negro, os afrodescendentes não. O negro e seus traços são negados, não são reconhecidos em espaços. Há uma árdua luta pela frente, na busca pelo nosso reconhecimento, direito e respeito, que constantemente são negados.

Palavras-Chave: África. Afrodescendente. Cabelo Afro.

ABSTRACT

Africa considered the cradle of humanity, mother of the birth of man. The African continent is the third largest in land area, and one of the most populous in the world, there are dozens of languages and different cultures, so it is multicultural. Africa suffered, and still suffers, the consequences of the capture of its children and the enslavement that Africans were subjected to in Brazil; process that began in the 16th century. Not even the children of the land of Brazil, that is, the indigenous people, had peace, as they were also enslaved, captured and so before the African people, used as enslaved labor. The Africanness of Brazilian people is independent of skin tone and hair type, it is in what Brazilians are and do as a culture, it is in dance, music, religion, cuisine and the way in which the Portuguese language is spoken and written. . African culture arrived in Brazil in the body, mind and practices of African people trafficked by the Portuguese since the 16th century and in Brazil they were enslaved. It is in what we are and what we do, and through the various elements the Brazilian racial identity is built. In this context, what is the racial identity of Brazilian people? Is Brazilian society, despite being constituted by the black majority, accepted as such? Do you recognize and value the history and culture of black people? Are black people proud of their traits? What traits are these? This course conclusion work analyzes the presence of African culture in Brazilian society, specifically the process of acceptance of the aesthetic traits of black hair as a constituent of black identity. The methodological procedures were carried out through bibliographic research, working with selection and analysis of songs and images on the subject. From searches by sources (texts, reviews, essays, articles, theses and books). Dialogues with authors and experts on the subject, such as Gomes (2008), Anjos (2017), Santos (2010) Pinheiro (2015) Quijano (2005). The formation of Brazil and its governing pillars was built by the black people, the Afro-Brazilian culture is present in everything that is part of it. But not blacks, Afro-descendants. Black people and their traits are denied, they are not recognized in spaces. There is an arduous struggle ahead, in the search for our recognition, rights and respect, which are constantly denied.

Keywords: Africa. Afrodescendant. Afro hair.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 BRASIL: UMA NAÇÃO MULTICULTURAL..... | 13 |
| 2.1 Estética e preconceito as raízes negras: o cabelo afro..... | 17 |
| 2.2 O cabelo afro nas multimídias e na indústria de cosméticos..... | 19 |
| 2.3 Músicas e discursos: o cabelo afro em questão..... | 23 |
| 3 METODOLOGIA..... | 29 |
| 3.1 O Processo Metodológico..... | 29 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES..... | 30 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |
| REFERÊNCIAS..... | 34 |

1 INTRODUÇÃO

África é considerada o berço da humanidade, mãe do nascimento do homem. O continente africano é o terceiro maior em extensão de terra e um dos mais populosos do mundo, nele existem dezenas de idiomas e diferentes culturas, por isso, é multicultural.

A África tem várias riquezas em seu território como ouro, diamantes, petróleo, fauna e flora. Essas riquezas atraíram e ainda atraem exploradores, a exemplo das potências europeias que no século XV, além da escravidão impuseram a exploração das riquezas minerais, o que se mantém na contemporaneidade e contribui para os baixos índices de desenvolvimento econômico de maior parte dos países africanos, o que geram os problemas sociais, a exemplo, da miséria social, fome, má qualidade de vida, e o analfabetismo.

A África sofreu, e ainda sofre, as consequências da captura de seus filhos e da escravização que os africanos foram submetidos no Brasil, um processo que se iniciou no século XVI. Nem os filhos da terra Brasil, ou seja, os indígenas, tiveram paz: também foram escravizados, capturados e, assim, antes do povo africano, utilizados como mão de obra escravizada.

Os africanos no Brasil foram utilizados como mão de obra, principalmente, nos engenhos de produção de açúcar. Mais de 300 anos de escravidão transcorreu, porém o sistema escravista terminou após a assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888. Essa lei decretou o fim do sistema escravista, mas não pôs fim à escravidão no Brasil, não indenizando a gente negra pelos longos anos de trabalho, não lhes garantiu condições de vida como trabalhador livre, pois os negros livres não foram inseridos no mercado de trabalho assalariado e nem tiveram acesso à terra para nela trabalhar e viver. Por outro lado, os diversos aspectos da cultura africana presentes na cultura e na construção social do Brasil, também não foram aceitos a contento, ainda que a África seja uma das matrizes responsáveis pela cultura brasileira.

A africanidade da gente brasileira independe da tonalidade de pele e do tipo de cabelo, está no que o brasileiro é e faz enquanto cultura, ela está na dança, músicas, religião, na culinária e no modo como se fala e se escreve a língua portuguesa. A cultura africana chegou ao Brasil no corpo, na mente e nas práticas dos povos africanos traficados pelos portugueses desde o século XVI e no Brasil foram escravizados. Ela está no que somos, fazemos e por intermédio dos vários elementos se constrói a identidade racial brasileira.

Na condição de berço da humanidade, a África gerou milhões de filhos que foram traficados para a América e escravizados no Brasil, o que faz dessa terra um pedaço da África.

O Brasil é uma nação formada por indígenas, europeus e africanos, é constituído na sua grande maioria pela população negra, ou seja, 54% da população brasileira é formada por gente negra. Em uma matéria publicada pelo *EcoDebate*, site de informações, artigos e notícias socioambientais temos que “Maioria da população brasileira é Negra e feminina, mas é governada por homens e branco” (2021), matéria escrita pelo redator Leonardo Fontes. Apresenta-nos ainda o percentual racial da população brasileira, através da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2014), aponta que 54% da população total brasileira é negra. Uma maioria que, infelizmente, foi transformada em minoria, sendo desse percentual a maioria é constituída pelo sexo feminino, ou seja, mulheres. Fontes (2021) ainda afirma que:

De toda a população brasileira, quase 52% são mulheres, mas estas não estão devidamente representadas, afinal, se mais da metade dos brasileiros são do sexo feminino, os políticos eleitos também deveriam seguir o mesmo percentual ou ao menos se aproximar desta proporção. Nos cargos em que temos mulheres eleitas, a presença delas se limita em 16% no máximo. (FONTES, 2021, s/p).

Mesmo sendo maioria dentro da sociedade brasileira, as mulheres ocupam menos espaços de poder, e quando se trata de ser mulher negra, a situação se agrava mais ainda. Olhando para o estado da Paraíba, qual é o percentual de negros/as na formação racial desse estado? Em matéria publicada pelo site *G1 Paraíba*, de título: “Registros ocultos revelam que população negra na PB era o dobro da branca há 200 anos, diz pesquisador” (2017), escrita por André Resende, apresenta-se o censo realizado pelo IBGE no ano de 2010, mostrado que a população negra da Paraíba, somando pardos e pretos, é cerca de 50% por cento. Esse autor também apresenta uma pesquisa realizada por Matheus Guimarães mestre em História pela UFPB e pesquisador da herança africana na Paraíba. Na sua pesquisa Matheus Guimarães apresenta dados e diz que: a população negra da Paraíba correspondeu há pouco mais de 200 anos a 51% das pessoas negras que vivem no estado.

O pesquisador e historiador Matheus Guimarães afirma que: “entre 1700 e 1800, a população negra na Paraíba se manteve sempre como duas vezes maior que a população branca, sendo 24,7 mil negros para 12,3 mil brancos em 1798, especificamente. Neste mesmo período, 4.424 africanos escravizados desembarcaram no estado”. (GUIMARÃES, s/p)

Nesse contexto, qual é a identidade racial da gente brasileira? A sociedade brasileira, apesar de constituída pela maioria negra se aceita como tal? Reconhece e valoriza a história e a cultura da gente negra? O povo negro tem orgulho de seus traços? Que traços são esses? O presente trabalho de conclusão de curso pretende analisar, diante dessas questões, a presença

da cultura africana na sociedade brasileira, especificamente o processo de aceitação dos traços estéticos do cabelo negro como constituidor da identidade negra.

2 BRASIL: UMA NAÇÃO MULTICULTURAL

Brasil, um país multicultural, multicores, multirracial, miscigenado que se fez/faz em uma mistura de raças. Mas, falando em raça, o que é raça? A definição de raça apresenta diversas perspectivas ou conceitos formulados por diferentes pesquisadores/as. Segundo Santos (2010), “O termo raça tem uma variedade de definições geralmente utilizadas para descrever um grupo de pessoas que compartilham certas características morfológicas”.

Logo, “a maioria dos autores tem conhecimento de que raça é um termo não científico que somente pode ter significado biológico quando o ser se apresenta homogêneo, estritamente puro, como em algumas espécies de animais domésticos” (SANTOS *et al.*, 2010, p. 122,). Nisso, para quê serve a definição de raça? O sociólogo, pensador humanista peruano Aníbal Quijano (1930-2018), que trabalha com questões sobre colonialidade, afirma, conforme o trecho abaixo, que:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p. 118).

Então, assim, o conceito de raça foi criado para fazer divisão e separação da população, colocando os negros no espaço de inferioridade. Lembramos aqui a estratégia ‘dividir para conquista’ que se refere à ideia da divisão em pequenas partes, para uma dominação mais fácil. Neste sentido, os colonizadores ‘nomearam os africanos de negros para inferiorizar e dominar’.

No Brasil, esse processo começou a partir do século XVI, com a chegada dos portugueses. Agora sabemos que não foi uma chegada, e sim uma invasão de terra. Pois, antes

do século XVI, as terras brasileiras eram habitadas por civilizações indígenas. Não era só uma civilização, eram várias nações, entre elas: Yanomani, Boras, Guarani, Suiás, Tupinambás, Caiapós, Bororos, Guatós, Zoés, Charruas, Ticunas, Tupiniquins, Xavantes, Xetás, Campas, Pirarrãs, entre outras; a exemplo, na Paraíba temos os Tupis, Potiguaras e os Tabajaras, culminando os povos indígenas brasileiros. Essas civilizações indígenas eram diferentes, antes da invasão portuguesa, entre diversos vieses culturais. Não foram os portugueses que o tornaram diversos, eles apenas se somaram ao que já existia aqui no Brasil.

Nosso povo herdou mistura e heranças de brancos negros, amarelos e indígenas, segundo Gomes e Ferreira (2008). Ainda os autores comentam que “as temáticas em torno da miscigenação e da mestiçagem deram tons às perspectivas comparadas dos estudos sobre escravidão e relações raciais — especialmente Brasil e EUA — desde os anos 1940” (GOMES e FERREIRA, 2008, p.1). Tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil, ocorrera um processo de mestiçagem. No Brasil, a mestiçagem é mais forte, principalmente a partir do elemento africano. Tudo isso por conta do povo negro, os povos indígenas e os brancos europeus, três grupos distintos, estão presentes na composição racial do Brasil:

Dizer que somos misturados ou houve miscigenação é tão óbvio como afirmar a nossa humanidade. Do que falamos e por que falamos? Ou de quem e com quem dialogamos, afinal? Do passado escravista? Da nação romantizada no alvorecer do século XX? Das narrativas que criaram a “nossa” identidade e cultura? Das políticas públicas do ontem e do hoje? Debates se colocam (GOMES e FERREIRA, 2008, p. 02, grifos do original).

Várias questões e debates são formulados em torno da miscigenação, principalmente no Brasil. Quando debatemos ou falamos a questão da raça vem à tona, mas por que sempre vem à tona? Em um país extremamente racista e colorido é preciso olhar a história da construção da identidade de nossa gente e o lugar delegado aos povos indígenas e negros. A partir dessa percepção, é indispensável afirmar que o Brasil não é um país monocultural, ou seja, não tem uma única cultura, uma única religião, se trata de uma nação multicultural. Temos diferenças e heranças culturais provenientes das diversas raças que nos compõem como nação, no entanto, ainda não nos respeitamos e aceitamos as nossas diferenças raciais. Nesse sentido, Lima e Vala (2004) afirmam que:

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento (LIMA e VALA, 2004, p 402).

O racismo se destila em preconceitos, em múltiplas manifestações, entre elas o racial, que constitui em discriminação de raça, e religioso, que se destila a intolerância religiosa, ofensas contra os cultos. Também decorre sua presença no cotidiano da sociedade brasileira, tornando-o estrutural na sociedade.

Cotidianamente, presenciamos o quanto a gente negra, o corpo negro sofre. Basta ligar a TV e ver casos corriqueiros de atos racistas, que vão desde xingamentos públicos e verbais contra pessoas negras, até a morte desses corpos. Trata-se de uma realidade que está intrínseca a história do negro no Brasil, uma vez que desde o período escravista os negros resistem contra o escravismo, no entanto, a história do Brasil quando se refere à escravidão ainda traz poucas referências das ações dos escravizados contra o escravismo, e enfatiza as ações econômicas, sobretudo, dos ingleses, conforme enunciado no seguinte trecho: “no século XIX, a ‘maior ameaça ao escravismo brasileiro veio de fora’, no caso a ‘pressão antiescravista inglesa’ para acabar com o tráfico nas décadas de 1830 e 1840” (GOMES e FERRERA, 2008, p.12).

Esse tipo de afirmação reforça a ideia de que os escravizados não resistiram ao escravismo. Os escravizados lutaram pela sua liberdade, fazendo que a Princesa Isabel assinasse a Lei Aurea antes que eles fizessem a liberdade a seu modo. Com isso, o fim da escravidão no Brasil não significou o fim do escravismo, este ainda se mantém na mentalidade de parte da sociedade, estando representado no ódio da branquitude contra os negros.

Diante do exposto, como as crianças negras lidam com o racismo? Há certa aceitação das famílias em relação ao cabelo afro de suas crianças, mediante movimentos negros que lutam em prol da questão. Porém, o preconceito na sociedade ainda é muito grande, precisamos quebrar com esse padrão de querer negar nossas origens, não podemos nos calar, somos livres e para escolher o jeito do nosso cabelo, temos que ter voz e não se calar.

Crianças negras enfrentam vários problemas com a autoestima nas escolas, onde os/as alunos/as começam com ofensas, apelidos de mau gosto, o que deixa passar despercebidas, as crianças muitas das vezes não querem mais ir às escolas e ficam traumatizadas.

Nas maiorias das escolas não tem um espaço acolhedor de chegar e juntar todos/as alunos/as e explicar que somos todos iguais, mostrar que temos que aceitar nossos cabelos, mostrar nossa identidade, gritar pra sociedade que somos livres pra escolher o jeito do nosso cabelo, qual ele possa ser, cacheado, crespo, enfrentar o racismo que começa em casa, passa

pela escola e se mantém na sociedade é um desafio para as famílias, a escola e a sociedade. O problema está em casa, as crianças são rejeitadas, muitas vezes pela própria mãe quando vai ajeitar os cabelos delas e começa a falar coisas que as machucam, muitas vezes falam que o cabelo é de ‘bucha’, que não puxou a família dela, às vezes os irmãos começam a falar mal do cabelo, já que ver a mãe falando e se acham no direito de machucar o próprio irmão. Isso ocorre porque a família, ainda que seja negra, incorpora o ideal de beleza imposto pela sociedade e divulgado na grande mídia, onde o cabelo liso é o ideal, portanto, aceito e passa a ser desejado pelas crianças negras.

Quando as crianças negras chegam à escola e veem seus amigos rindo dela, sobretudo do seu cabelo, fazendo piadas, elas começam a se perguntar o porquê de ter nascido com aquele tipo de cabelo, não se aceita, ficam no canto triste, por que não gosta do próprio cabelo, e passa a desejar um cabelo liso, só por que viu uma amiga com esse tipo de cabelo. Desde cedo elas correm pra o procedimento químico, as mães começam a usar chapinhas e a aplicar produtos químicos nos cabelos das crianças. Elas começam a danificar os próprios cabelos, o que se constitui um refúgio e elas pensam que alisando os cabelos não serão discriminadas.

Devido ações do movimento de mulheres negras, os cabelos crespos estão sendo mais aceito, as mães estão passando segurança aos seus filhos, no entanto, nem sempre as escolas acompanham esse processo. Nas escolas poderia haver uma forma de acolher alunos/as negros/as, mostrar-lhes o cabelo deles como sinônimos de beleza e de história de resistência. Dizer-lhes que não devem calar, e nem deixar ninguém ditar o que devem fazer com o seu cabelo, cada um deve escolher como usar o cabelo que tem, nunca deixar alguém decidir e escolher por si:

Em suma, as crianças que crescem rodeadas por brinquedos que se assemelhem ao reflexo que elas veem diante do espelho, possivelmente terão mais condições de compreender que os ataques sofridos em relação à sua aparência física e à sua cultura se dá em função das articulações estratégicas racistas externas, e assim, possivelmente não se sintam inadequadas ou inferiores (MAYLLA MONNIK, 2020, p. 123).

Conforme Monnik (2020), as crianças negras sofrem com a sua aparência, tendo em vista que elas nascem vendo pessoas brancas discriminá-las, gerando o sentimento de serem inferiores às crianças brancas ou sofrem o racismo por aceitar seus cabelos do jeito que são. A sociedade dita as regras do que devemos fazer ou usar, estabelece a moda, e manipula os cidadãos a acompanhar, e quem não acompanhar é tachado de “brega”. Frente a essa realidade, é importante que o cidadão desde criança mostre sua identidade, afirmar-se e ser

livre para usar seu cabelo do jeito que gostar e se sentir bem, e não se deixar levar pelos ditames das mídias. Portanto, a transformação começa pela cabeça.

2.1 Estética e preconceito as raízes negras: o cabelo afro

Na contemporaneidade observamos que a aceitação do cabelo crespo e cacheado vem ajudando a combater o racismo no Brasil, tanto as mulheres negras quanto os homens negros com seus cabelos crespos, cacheados e com os vários cortes estão quebrando o padrão eurocêntrico de beleza imposto pela cultura branca à medida que valorizam seus cachos, cortes e penteados, exibindo suas origens africanas. Em meio a esse processo, muitas mulheres estão passando pelo processo de autoaceitação, o que se denomina transição capilar: período em que elas deixam de utilizar as chapinha e produtos químicos e começam a ter seus cachos naturais de volta. Nesse sentido, o cabelo crespo, cacheado, o chamado cabelo afro, é um ato político de resistência, faz parte da luta negra contra o racismo que ainda existe na sociedade brasileira e atinge as pessoas negras.

À medida que as pessoas negras mostram seus cabelos, ou seja, aceitando-os, elas se aproximam das suas origens africanas e afirmam a importância dos cabelos para a construção da identidade racial. Paralelo aos cabelos, outros elementos são incorporados à imagem da pessoa negra, como diz Santos (2005, p. 20):

A maquiagem negra circunscrita à reprodução de um estilo afro "autêntico ou estilizado" remete para a importância do rosto na valorização de traços e do tipo físico, tornando o cabelo um elemento fundamental na constituição do que seja a beleza negra (SANTOS, 2005, p. 20, grifos do autor).

De acordo com Fagundes (2007), “as tradições trazidas da África negra assumem um novo colorido, também marcante na América miscigenada e contemporânea” (p. 02). Nesse sentido, segundo Santos (2015), o estilo afro tem uma importância nos traços do rosto da pessoa negra, por isso, é importante a aceitação do cabelo e deixá-lo natural é uma forma de se sentir livre. Falar em cabelos na contemporaneidade afeta diretamente a autoestima das pessoas negras, principalmente das mulheres que não aceitam seus cabelos e acabam procurando procedimentos estéticos para tirar seus cachos.

O preconceito contra o cabelo afro começa em casa quando as mães brigam com suas filhas e ficam discriminando-as em função dos seus cabelos crespos ou cacheados. Quando as meninas negras chegam à escola, nem sempre elas têm referências a seguir. No geral, ver algumas amigas com o cabelo liso as entristece, quando voltam para casa triste e desolada, ficam se perguntando o porquê de o seu cabelo não ser liso igual ao da sua amiga. O desejo de

alisar os cabelos decorre do preconceito pelo qual as meninas negras enfrentam quando passam nas ruas, quando se olham no espelho e não se enxergam em função de a sociedade não aceitar o seu tipo de cabelo.

O cabelo afro estilo *Black Power*, aos olhos da sociedade, é considerado feio, o que leva muitas das mulheres negras a passarem por constrangimentos e optarem pelo alisamento. Por isso, a aceitação é importante, sobretudo, porque tem reduzido o alisamento capilar e permitido as mulheres negras libertarem-se do culto ao cabelo liso. Elas têm deixado o cabelo livre e aceitando seus lindos cachos.

Nas escolas a discussão em torno da aceitação dos cabelos crespos e cacheados é importante, sobretudo, porque possibilitará às meninas e adolescentes negras a construção de suas identidades negras; também porque se constitui numa prática de enfrentamento do preconceito racial. Se desde criança as meninas forem educadas a usar seus cabelos livres, mostrar o quanto são lindos, elas construirão outra imagem de si, isso contribuirá para que os brancos construam outra imagem delas.

Na contemporaneidade, há uma geração de mulheres negras que tem aceitado com mais naturalidade os seus cabelos crespos e cacheados. Há anos, o uso dos alisantes e chapinhas eram constantes entre as mulheres negras. Hoje elas se empoderaram a partir da liberdade com que usam seus cabelos, sobretudo, quando existe no mercado uma variedade de produtos para tratá-los. Esse exercício, à primeira vista simples eleva a autoestima da mulher negra, sobretudo, porque o cabelo diz sobre como a mulher se acha e se enxerga no mundo.

Em função da valorização dos cabelos crespos e cacheados, o uso da chapinha está menos entre as mulheres negras e muitas delas estão em processo de transição, ou seja, deixaram de usar produtos químicos para alisar os cabelos.

Vivemos em uma sociedade onde as pessoas observam muito o jeito de ser da mulher negra, desde o estilo como ela se veste ao modelo de corte de cabelo, quando vê-se uma mulher negra empoderada, mostrando que está bem e com sua autoestima, acima do esperado da sociedade, surgem comentários que a machucam, quando não é raro colocarem apelidos maldosos e discriminarem sua capacidade de se sentir bem.

O preconceito racial contra a mulher negra ainda é recorrente na sociedade brasileira, sobretudo, porque é histórica a negação e desvalorização dos valores civilizatórios africanos na formação do Brasil, o que incide na negação dos cabelos afros, um dos elementos constituidores da identidade negra. Nos cabelos, a mulher negra deposita todo seu charme, logo, falar deles é falar da sua identidade.

Os cabelos dizem sobre a identidade feminina negra, através deles as mulheres se aceitam, o que faz com que muitas negras com cabelos cacheados e *Black* tenham ganhado visibilidade nas mídias. Entre os homens também está ocorrendo tal aceitação, mas, em menor proporção quanto comparados às mulheres; muitos homens têm deixado os cabelos crescerem, e, junto com as mulheres negras, impresso outra beleza a sociedade brasileira.

Outrora disseram as mulheres negras que seus cabelos eram feios, eles sempre foram vistos como inferiorizados, o que faz com que na sociedade ainda seja comum uma pessoa negra com os cabelos cacheados ou Black ser vista como exótica ou causar espanto. Isso porque a sociedade ainda insiste num padrão de beleza que não reconhece a pessoa negra como tal.

No geral, os cabelos são classificados em quatro tipos: cabelos lisos, cabelos, ondulados, cabelos cacheados e cabelos crespos, mas a sociedade não aprova os cabelos crespos e cacheados e sobre eles mantém o preconceito. Durante longo período, o mercado de produtos para cabelos cresceu assustadoramente, principalmente os produtos para alisar, o que se deveu ao preconceito contra os cabelos crespos e cacheados. Era comum nas lojas de cosméticos a venda de produtos químicos para alisar cabelos, o que levava as mulheres negras a utilizá-los como forma de mostrar a sociedade que estava bem com o cabelo liso e que havia encontrado a forma certa para seu tipo de cabelo.

2.2 O cabelo afro nas multimídias e na indústria de cosméticos

Vimos o quanto o povo negro sofre só pela existência e sua cor; nisso, sempre está resistindo. No entanto, não vemos nenhuma ação ou ataques racistas e preconceituosos desferidos contra os tipos de cabelos da pessoa branca. O fato de ser branco/a coloca tais sujeitos na condição de privilegiado.

Para uma parcela significativa, a resistência é constante, lutando-se até pelo direito de usar o cabelo do modo como ele é, o que deveria ser um fato natural. Nas multimídias, a exemplo da TV, redes sociais, revistas e na indústria de cosméticos, qual é a representação dos cabelos da pessoa negra? Na indústria de cosméticos, frente a isso, há produtos voltados para o cabelo afro? Que produtos são esses? Diante desses questionamentos, no ano de 1960 surgiu nos Estados Unidos o Movimento *Black Power* (Poder Negro), movimento surgido das mobilizações da população negra e afrodescendente em prol dos direitos civis e igualdade. Uma das igualdades era o direito de simplesmente usarem seus cabelos e penteados nos mesmos ambientes e espaços que a população branca, requerendo que fossem respeitados e

aceitos como eles são, exigiam, assim, o direito ao respeito ao cabelo afro: “cabelo ocupa posição central na sociabilidade das mulheres. A forma como é retratado na mídia impressa e nas redes sociais pode reforçar padrões de dominação ou apoiar estratégias de acomodação e resistência a tais padrões” (SANTANA, 2014, s/p). As formas de representação e apresentação podem negativar e reforçar estereotipadamente o cabelo afro.

No século XXI, temos mercados voltados especificadamente para o cabelo afro e este é acompanhado de outros setores, desde o vestuário, com a moda, aos cosméticos, maquiagem e produtos capilares, o que à primeira vista é revolucionária, reavaliando que a indústria/mercado/mídia ter reconhecido a pessoa negra como consumidor em potencial.

Mesmo sendo reconhecido consumidor em potencial, nem sempre foi assim. Não existia mercado voltado para a gente negra, a sociedade não a reconhecia e a deixava as margens do consumo. O mercado era ‘branco’ como também as multimídias, o negro quando representado na mídia, TV/Cinema, sempre era posto num papel de inferioridade, de serviçal, trabalhos braçais ou de menor prestígio social; embora que isso não seja menos importante para a sociedade, todavia construindo nestes papéis como ‘lugares de negro’.

Logo, todo produto veiculado na mídia era voltado para a população branca, e fundamentado nos padrões europeus de beleza. As propagandas relacionadas à produtos de beleza mostradas nas multimídias (TV, Revistas e jornais) eram todas com indivíduos brancos e suas madeixas (cabelos) lisos. O que influenciava a gente negra a buscar tal padrão como referencial ‘perfeito’ de beleza, o que o tornavam ‘brancos’ como também a sociedade ‘exigia’ esse padrão nos espaços de poder.

Como dito, temos um mercado e uma multimídia que tem se interessado pela população negra. Mas perguntas vêm à tona. Quem estar por trás do mercado e das multimídias? A indústria e a multimídia são feitas de/com negros para negros? Quem são os beneficiários que lucram com as indústrias de produtos cosméticos para negros? Questões como essas devem ser pensadas e discutidas. Constantemente vemos uma vasta produção de produtos voltados para o cabelo afro, basta ligar a TV e veremos propagandas de linhas capilares feitas para e com protagonistas negros. Campanhas como ‘#todecacho’ ‘*sos chachos*’ ‘*cachos livres*’ ‘*amo meu crespo*’ são mostradas nas mídias, com intuito, propósito, aceitação e empoderamento do cabelo afro, o que é positivo. Parece que há um apelo midiático em torno do cabelo cacheado e crespo. Mas que tipo de cacho e crespo é aceito? Existe um determinado padrão aceito e ‘exigido’ pelo mercado, o que faz com que nem todo cabelo seja aceito. A análise de uma matéria voltada para a estética e saúde é elucidativa de

tal questão. A matéria tem como título: *Como cuidar dos cabelos crespos e afros?*¹ Encontrase publicada no site: *Beleza e Saúde*. Não se identificou na matéria a informação enquanto a data de publicação, o que não tira a relevância do seu conteúdo. A matéria inicia-se com título: *Como cuidar dos cabelos crespos e afros?* Em seguida abaixo do título apresenta a imagem/foto de uma mulher negra com pele de tom claro, e cabelo ‘cacheado’. Segue abaixo imagem/foto apresentada na matéria:

Figura 1: representação do cabelo na multimídia



Fonte: retirada do site: *Beleza e Saúde*

Na foto/imagem, a representação dos cabelos crespos e afros é apresentada por uma mulher afrodescendente mestiça apontada como negra, mas pele clara, o que não trata de uma negra com pele retinta. A imagem nos remete a questão do colorismo. Sobre essa questão, Silva Fontana (2021) afirma que:

Os sujeitos negros de pele clara são menos afetados pelo racismo, o que possibilitaria uma não identificação com a negritude. Nesse ponto, marca-se que o racismo brasileiro se orienta pelos traços fenotípicos, atingindo, numa escala gradativa (SILVA FONTANA, 2021, p. 28).

Uma escala gradativa de cor é criada, quanto mais o indivíduo colocado dentro dessa ‘escala’ apresentar e ter a pele com tonalidade mais escura, mais sofrerá com preconceito e discriminação na sociedade. Nesse sentido, a apresentação e representação dos cabelos afros e crespos na foto/imagem são dadas e atribuídas a um cabelo de cor preto “cacheado” e não a pessoa.

A matéria segue com a seguinte afirmação:

O cabelo afro pode até ter uma aparência forte e resistente, mas, na verdade, este é o tipo de fio mais delicado, pois é fino e poroso. Os crespos sofrem com o volume

¹ Segue o link da matéria: <https://belezaesaude.com/cabelos-crespos-afros/>. Acessado em 18 fev. 2022.

excessivo, o aspecto ressecado e a falta de brilho. É preciso investir em hidratação, bons produtos e muita dedicação.

Associando essa frase com a foto/imagem apresentada na matéria, o cabelo da garota que está na propaganda apresenta ser fino e poroso? Não, vemos sim, que o cabelo da garota da foto/imagem apresenta um penteado afro, mas não é um cabelo crespo, logo não se associa ao título da matéria: *Como cuidar dos cabelos crespos e afros?* Ao que se diz em respeito aos cabelos crespos. Trata-se, nisso, de um cabelo cacheado.

Analisando o cabelo da garota da foto/imagem, notamos que seu cabelo ‘cacheado’ é um cabelo que apresenta definição está ‘arrumado’ e seus fios não são finos, os cachos não aparentam serem naturais. A impressão é a de que a mulher foi cacheada com escova modeladora de definição de cachos, o chamado: *Babyliss*, uma vez que os cachos são mais abertos, e o cabelo “cacheado” apresenta ondulações.

A matéria segue dando dicas de boa alimentação, lavagem, e hidratação para os cabelos crespos e afros e apresenta também uma colagem de três mulheres afrodescendentes de tonalidade de pele um pouco mais escura do que a primeira foto/imagem, com cabelos cacheados:

Figura 2: Colagem em site



Fonte: retirada do site *Beleza e saúde*

A matéria finaliza apresentando vários produtos para cabelos afros (cremes, shampoos, condicionadores, máscaras, óleos) de várias marcas e seus determinados valores. A colagem acima apresenta e representa cabelos crespos? Que tipos de cabelos cacheados são apresentados? Os cabelos e penteados afros aceitos e apresentados nas multimídias e nas propagandas de produtos capilares apresentam e segue uma escala de padronização, o que é decorrente do colorismo. Nesse sentido, onde ficam os cabelos crespos e pixains? Não vemos a representação deles em propagandas de produtos capilares. Os cabelos crespos e pixains apresentam fios capilares finos e porosos com curvaturas mais fechadas (3c, 4a, 4b, 4c graus

de curvaturas). Não vemos a sua apresentação e apresentação nas mídias. Esse tipo de cabelo afro, pode-se pensar, não é aceitável pela sociedade. Abaixo apresentamos imagens de cabelo crespos e pixains:

Figura 3: Crespos e pixains



Fonte: Google imagens²

Esses sim são cabelos crespos e pixains, essa apresentação e representação caberia e faz jus ao título da matéria apresentada acima, no que diz a respeito aos cabelos crespos. Mas vemos que eles não foram apresentados, justamente por não seguirem a escala de cabelos afros aceitáveis pela sociedade e pela mídia. Assim como a questão do colorismo, cabelos crespos e pixains são mais atacados e discriminados por não estarem dentro dessa padronização. Mas por que são atacados? A sociedade julga e preconceitua o cabelo crespo e pixaim, como se fossem, “duros” “sujos” e “fedorentos” O que não é verdade. Mas quem é duro, sujo e fedorento é o sistema, que foi e é criado pelo o racismo estrutural.

2.3 Músicas e discursos: o cabelo afro em questão

A música, segundo as definições é a combinação harmoniosa e expressiva de sons. É uma arte constituída pela combinação de diferentes sons e ritmos. As músicas também são acompanhadas por letras, muitas músicas apresentam letras que expressam manifestações, protestos, ou seja, música também é um ato político.

No dia 31 de março de 1964 se iniciou o golpe militar no Brasil. Na ditadura militar, muitos artistas, músicos e cantores da Música Popular Brasileira (MPB) usavam as músicas

² Disponíveis em: https://www.google.com/search?q=cabelo+pixain&sxsrf=APq-WBtTn_0b2dh1xH0Z8rVGIJRgEkHf3w:1645739851563&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjC0PrZqpn2AhXZLLkGHXmeB4EQ_AUoAnoECAEQBA&biw=1366&bih=625&dpr=1#imgrc=DtNWJA9D0d2HaM. Acesso em 19 fev. 2022.

com letras que expressavam repúdio contra a censura e controle da população imposto na época e se tornaram, assim, porta-vozes da voz da população pobre e humilde sufocada e reprimida.

A música, enquanto ato político, o traz na sua letra quando se trata da questão do cabelo afro? Apresento aqui músicas e discussões a respeito da apresentação e representação do cabelo afro. A primeira música analisada se chama: *Respeitem meus cabelos, Brancos*, do cantor e compositor Paraibano Chico César, lançada em 2002. Abaixo segue a letra da canção.

Respeitem meus Cabelos, Brancos
(Chico César, 2002).

Respeitem meus cabelos, brancos
Chegou a hora de falar vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África
Junto com meus santos
Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos

Respeitem meus cabelos, brancos
Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar.

Essa música de Chico César é totalmente política, nela usa-se a letra e sua voz para pedir respeito ao cabelo, em especial ao cabelo afro. E a quem a música pede respeito? Aos brancos, a sociedade branca, ao povo branco. No verso ‘chegou a hora de falar vamos ser francos’ remete à questão de que a gente negra sempre sofreu e vem sofrendo preconceito e racismo contra seus fios capilares, o cabelo afro, que são estereotipados negativamente. Na sequência, afirma que estava na hora de *dá* um basta, de falar, de pedir respeito.

Logo, vemos o incômodo do branco com a gente preta, como diz no verso: “pois quando um preto fala o branco cala ou deixa a sala com veludo nos tamancos”. Diante dessa colocação do eu-lírico, qual o porquê do incômodo? Nessa fala está explícito a ignorância e intolerância à ‘voz negra’: A voz do povo preto sempre foi ignorada e tentada de ser silenciada.

Na segunda estrofe, Chico César a apresenta a origem do cabelo afro, “cabelo veio da África junto com meus santos”; e como o cabelo ‘veio’ da África? Através do povo africano

que foram escravizados e trazidos para o Brasil. Em seguida apresenta esse povo africano: “benguelas, zulus, gêges, rebolos, bundos, bantos”, onde vemos que vários povos de diferentes etnias e regiões da África foram trazidos para o Brasil. Junto com esse povo vieram também a sua cultura, como diz na seguinte frase: “batuques, toques, mandingas, danças, tranças, cantos” o que assim culminou no processo de miscigenação do Brasil e na cultura afro-brasileira.

Na terceira estrofe, Chico César pede que deixem o cabelo afro em paz: “se eu quero pixaim, deixa. Se eu quero enrolar, deixa, se eu quero colorir, deixa, se eu quero assanhar, deixa”. Deixem nossos cabelos em paz. Na frase “deixa, deixa a madeixa balançar” vemos que Chico César pede que assumamos nosso cabelo, nossa raiz e origens, que não predamos e nem escondamos o cabelo simplesmente por conta do preconceito exercido pelo branco.

Seguimos com a análise de outra música, de título: ‘Olhos Coloridos’, de autoria de Macau. A música teve origem num episódio de racismo vivido por ele e é interpretada por Sandra de Sá, fazendo parte do álbum gravado por essa cantora e intitulado *Olhos coloridos*, lançado em 1995. Abaixo segue a letra da música.

“Olhos Coloridos”
(Macau, 1995)

Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Eu estou sempre na minha
E não posso mais fugir

Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar

Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso

A verdade é que você
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro

Sará crioulo
Sará crioulo
Sará crioulo
Sará crioulo
Sará crioulo.

Na primeira estrofe, inicia-se com o seguinte: “Os meus olhos coloridos me fazem refletir”. De início surge o questionamento: O que são esses olhos coloridos? Será que é a

visão da diversidade de cores, de culturas, de raça existente no Brasil? Em seguida temos: “Eu estou sempre na minha e não posso mais fugir”. O indivíduo está quieto, está no espaço dele, mas o porquê de estar ‘sempre na dele’? Porque ele está sempre sendo bombardeado por ataques racistas e preconceituosos. O indivíduo, assim, é retraído, obrigado a se calar, e é reprimido pela sociedade. De tantos ataques sofridos, chega um ponto que ele deve se levantar, manifestar um basta. Não pode se calar e compactuar para que os “bombardeios” continuem, então para seu próprio bem, e para defender seu semelhante e seu povo, o indivíduo não tem mais como fugir e dá um basta na situação de racismo.

Na segunda estrofe temos a seguinte frase: “Meu cabelo enrolado, todos querem imitar. Eles estão baratinados, também querem enrolar”. Por trás de todo o ataque racista e preconceituoso contra o cabelo afro, os brancos querem ‘imitar’. Isso nos remete a questão da apropriação cultural. Segundo Pinheiro (2015), a apropriação cultural “procura definir o ato de se utilizar ou adotar hábitos, objetos ou comportamentos específicos de uma cultura, por pessoas e/ou grupos culturais diferentes”. Sobre essa questão Pinheiro (2015) diz também que essa apropriação traz atos “prejudiciais para o não-reconhecimento, ressignificação até mesmo falta de respeito às culturas legítimas de alguns grupos sociais e/ou étnicos”. O branco desumaniza, criminaliza o cabelo afro, ‘no negro é feio, mas no branco não’. A cultura negra se faz presente em quase tudo, mas infelizmente o indivíduo negro não.

Seguindo, na próxima estrofe, temos a seguinte frase: “Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você ri da minha pele, você ri do meu sorriso”. Nessa estrofe, nisso, estão nitidamente atos e ações racistas de inferiorização da gente negra, uma vez que o negro é ironizado e diminuído. Até da ‘felicidade negra’ o branco ri. Isso toca na ‘autoestima negra’, faz com que ele não se sinta empoderado e desconstrua seus traços e suas raízes, não reconheça a sua origem e cultura, se torne um não negro para ser aceito na sociedade.

Na quarta estrofe, temos a seguinte frase: “A verdade é que você tem sangue crioulo, tem cabelo duro”. Essa estrofe remete à questão da miscigenação brasileira. Como já discutimos, a população negra no Brasil é maioria, tem traços e genética do povo africano no sangue. Como mencionamos, a música *Meus Olhos Coloridos* foi escrita por Macau após um ato racista, ato esse que foi praticado por um indivíduo que apresentava tonalidade da pele e traços negros, ou seja, o indivíduo tinha na sua genética sangue africano, mas não se reconhecia negro.

A música chega ao fim com a seguinte frase: “Sarará crioulo, Sarará crioulo”. Esse trecho nos remete a mestiçagem da população brasileira. O Sarará Crioulo é a pessoa branca,

ou de tonalidade de pele preta mais clara que apresenta traços afrodescendentes, e esses traços também se fazem presente no cabelo.

Finalizando a análise musical e a relação com o cabelo, trago a música intitulada: *Deixa meu Cabelo* (2019) de autoria de Riquinho Xeque-Mate/Dudu, Fixa/Jofre e Sant’Martin/Delacruz, interpretada pelo grupo de samba/pagode Bom Gosto, com participação do cantor Delacruz. Segue abaixo a letra da música:

Deixa meu Cabelo
(Riquinho Xeque-Mate/Dudu Fixa/Jofre Sant’Martin/Delacruz, 2019)

Agora você vê
Vai querer se meter com o nosso cabelo
Se mete não, meu irmão!

Ela é negra do cabelo loiro
Ela é branca do cabelo Black
Se ela é índia ela pode usar dread
Que o cabelo é dela e ninguém se mete

Isso aqui não é só um cabelo
É expressão real de quem sou
Identidade de dentro pra fora
Tô nem ai se você não gostou

Deixa meu cabelo voar
Deixa ninguém vai me prender
E, se um dia eu quiser cortar, raspar
Eu não dependo de você

Ela é negra do cabelo loiro
Ela é branca do cabelo Black
Se ela é índia ela pode usar dread
Que o cabelo é dela e ninguém se mete

Isso aqui não é só um cabelo
É expressão real de quem sou
Identidade de dentro pra fora
Tô nem aí se você não gostou

Deixa meu cabelo voar
Deixa ninguém vai me prender
E, se um dia eu quiser cortar, raspar.
Eu não dependo de você

Deixa meu cabelo voar
Deixa ninguém vai me prender
E, se um dia eu quiser cortar, raspar.
Eu não dependo de você

A margem do seu preconceito
Sinceramente, o meu cabelo não lhe diz respeito.
É meu por natureza, é uma beleza e eu me sinto bem.
Com licença eu não pretendo parecer ninguém

Se eu faço ou deixo de fazer, não precisa entender.

Existe alguma coisa, eu pedi sua opinião.
 Faço o que eu quiser fazer
 Beijar amar você

Solta o cabelo, vem comigo.
 Canta esse refrão
 Bate na palma da mão
 Bate na palma da mão

Ela é negra do cabelo loiro
 Ela é branca do cabelo Black
 Se ela é índia ela pode usar dread
 Que o cabelo é dela e ninguém se mete

Ela é negra do cabelo loiro
 Ela é branca do cabelo Black
 Se ela é índia ela pode usar dread
 Que o cabelo é dela e ninguém se mete

Como afirmamos anteriormente, música é arte - e é política. As duas primeiras músicas analisadas são consideradas hinos, ou seja, levantam a ‘bandeira’ contra o racismo e preconceito racial no Brasil. Como ato político, elas emponderam a gente negra, como também viraram referências quando se trata de “música negra” popular brasileira, quanto se abre a discussão e a questão do cabelo afro. Assim essas músicas inspiraram e inspiram gerações negras.

Possivelmente as músicas de Chico Cesar e de Macau serviram de referências e inspirações às composições e criações de outras novas músicas, a exemplo da música *‘Deixa meu Cabelo’*. Trata-se de outra geração de cantor e compositor, nascida depois de *‘Respeitem meus Cabelos, Brancos’* e *‘Olhos Coloridos’*. Na música *‘Deixa meu Cabelo’*, a discussão sobre o cabelo afro ainda persiste como também é extrema a importância de persistir para pôr fim ao preconceito e discriminação racial pela via do cabelo afro.

As músicas de Chico Cesar e Macau quando lançadas, cada uma em sua época, levantaram as pautas raciais e as discussões sobre a discriminação e preconceito ao cabelo afro, mas mesmo assim o preconceito e a discriminação contra o cabelo afro, ainda é recorrente no Brasil, o que fez surgir novas músicas com o assunto, colocando-o à tona novamente.

Em *‘Deixa meu Cabelo’*, em sua primeira estrofe, temos: “Agora você vê, vai querer se meter com o nosso cabelo, se mete não, meu irmão!”. Vemos que diferente das outras duas músicas, a frase já manda logo o ‘recado’, sendo objetiva e pontual aos preconceituosos sofridos pela gente negra.

A segunda estrofe traz a frase: “Ela é negra do cabelo loiro, Ela é branca do cabelo Black, Se ela é índia ela pode usar *dread*, Que o cabelo é dela e ninguém se mete”. A

discussão sobre o cabelo afro gira em torno de mulheres. O cabelo na mulher vai à além de só beleza ou estética: diferente dos homens, as mulheres têm mais apego ao cabelo, já que o cabelo traz a sua feminilidade. As mulheres, principalmente as negras com o cabelo afro, ou usa modelo e penteados afros, sofrem bastante discriminação, sendo negadas em espaços e lugares de poder. Na frase da música, vemos que é falado de vários tipos de mulheres, a Negra, Branca e Indígena; todos os frutos da miscigenação brasileira. Outra questão que chama a atenção na frase é o uso de penteados de determinadas origens sendo usadas por mulheres de diferentes culturas.

Na terceira estrofe temos a seguinte frase: “Isso aqui não é só um cabelo, É expressão real de quem sou Identidade de dentro pra fora, Tô nem ai se você não gostou”. O cabelo afro não é só estético, não é só beleza, é nossa identidade. O uso do penteado afro é aceitação de nossa real origem.

Na quarta estrofe temos a seguinte frase: “Deixa meu cabelo voar, Deixa ninguém vai me prender, E, se um dia eu quiser cortar, raspar. Eu não dependo de você”. Essa estrofe nos remete à música *‘Respeitem meus cabelos, Brancos’*, de Chico Cesar, fazendo associação à seguinte frase: “deixa, deixa a madeixa balançar”. Não tenha vergonha de suas origens, não esconda seus traços afro-brasileiros.

Na quinta estrofe temos a frase: “A margem do seu preconceito, Sinceramente, o meu cabelo não lhe diz respeito, É meu por natureza, é uma beleza e eu me sinto bem, Com licença eu não pretendo parecer ninguém” Vivendo a margem da sociedade e sendo constantemente atacada por atos preconceituosos e racistas, a gente negra luta contra a ignorância. E na sexta e última estrofe temos: “Solta o cabelo, vem comigo”. Chega de esconder, amarrar e prender o nosso cabelo afro, que ele seja livre e derrube todas as formas de preconceito e seja aceito pela a sociedade.

3 METODOLOGIA

3.1 O Processo Metodológico

Vendo o quanto a população negra sofria e sofre com tanto preconceito e racismo desferidos em questão ao seu cabelo afro, sempre ocorreu a curiosidade de pesquisar e estudar essa problemática. Os procedimentos metodológicos se deram através de pesquisas bibliográficas que se constitui “Um dos procedimentos mais visados pelos investigadores na atualidade, que pode ter sua escolha definida sem o devido cuidado com o objeto de estudo

que é proposto²² (LIMA e MIOTO, p. 38, 2007), por meio de buscas por fontes, (textos, resenhas, ensaios, artigos, teses e livros).

Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos. Portanto, difere da revisão bibliográfica uma vez que vai além da simples observação de dados contidos nas fontes pesquisadas, pois imprime sobre eles a teoria, a compreensão crítica do significado neles existente (LIMA e MIOTO, p. 44, 2007).

Assim um levantamento bibliográfico foi feito, e através dele tivemos acesso a trabalhos de pesquisadores/as, especialistas sobre a temática racial, a exemplo de Gomes (2008), Anjos (2017), Santos (2010) Pinheiro (2015) Quijano (2005). Sucessivamente assim como outras.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos os resultados e discussões obtidas com o estudo e pesquisas realizadas, vimos que uma das matrizes formadora da cultura brasileira é a africana. Foi trazida da África juntamente com os povos africanos escravizados para o Brasil no século XVI. Acerca dessa questão Saraiva (1993) diz que:

A projeção na África de uma imagem do Brasil que facilitasse os contatos comerciais, políticos e culturais foi um aspecto crucial na formulação da política africana do Brasil. O Presidente Quadros falou em "ponte", "identidade cultural" e insistiu que o Brasil era o produto histórico de duas heranças, uma ocidental e uma outra africana (SARAIVA, p. 223, 1993, grifos do autor).

O presidente Jânio Quadros (1961) trouxe à tona discussões voltadas para a identidade cultural do Brasil: “Ele também trouxe uma significativa consequência para as relações do Brasil com o mundo afro-asiático, em especial a África. Na verdade, foi nesse período que nasceu a chamada política africana do Brasil” (SARAIVA, p. 220. 1993). Assim, fruto de um longo processo de lutas do povo preto do Brasil, veio à tona o discurso culturalista e certa política que olhasse para a gente negra. Se fazendo no Brasil duas heranças, uma ocidental e outra africana, ou seja, o Brasil é multicultural. Em 2003, foi sancionada a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o Ensino de História Afro-brasileira e Africana no Sistema de Educação brasileiro. A população hoje no Brasil em sua maioria é constituída por gente negra, os afrodescendentes. Então há no Brasil uma miscigenação forte. A África tá no nosso sangue, tá na nossa origem.

Logo, apresentamos características, traços físicos e estéticos afrodescendentes, cor de pele, nariz e cabelo etc. Mesmo sendo maioria no território brasileiro, observa-se o sofrimento com ataques racistas e preconceituosos. Os ataques racistas e preconceituosos são desferidos também ao cabelo afro. Fios capilares naturais que representa esteticamente a nossa origem.

Em uma sociedade que valoriza a estética da supremacia branca, eurocêntrica e os seus padrões, essa imposição cultural inferioriza a estética afrodescendentes, em especial os cabelos naturais, pois a população negra, para ser aceita nesse tipo de sociedade, tem que passar pelo processo de manipulação capilar. Toda essa relação de cabelos naturais e cabelos manipulados, quer seja individual ou coletiva, revela o poder disciplinar da estética branca sobre o corpo negro (ANJOS, p. 5, 2017).

Sim, a supremacia branca manipula a população negra. Os cabelos afros são manipulados, seus traços e características são inferiorizados, desprezados e ditos que não estão no ‘padrão’, branco eurocêntrico. Assim, isso afeta psicologicamente a autoestima dos corpos negros, que se submetem à busca dos padrões brancos. Cortam, alisam com produtos químicos e escondem a origem afrodescendente. Também para serem aceitos em determinados espaços de poderes dentro da sociedade são “obrigados a serem brancos”. A partir do movimento negro unificado buscou-se direitos e igualdades, assim como liberdade, respeito, representatividade, empoderamento, amor, aceitação e representatividade do cabelo e penteados afros.

No interior do processo de resistência e identidade racial, nota-se o crescimento do uso do cabelo e cosméticos afro. O mercado percebeu a demanda por cosméticos afro, impulsionada pelos valores da negritude brasileira e também por referências que surgiam na mídia (GOMES; DUQUE-ARRAZOLA, 2019, p. 193).

Começou a surgir então mercado/indústria voltados para a gente negra. Um deles e a indústria e mercados de produtos capilares (cremes, shampoos, condicionadores, máscaras, óleos) em uma sociedade capitalista, vendo que a maioria da população brasileira é negra, e seriam e são, potenciais consumidores de produtos, abriu-se então uma vasta produção de produtos estéticos e capilares voltados a gente negra. Uma “explosão” se formou se abriu e se voltou para a poluição negra! Isso tem uma grande importância, pois é revolucionário e representativo a visibilidade e respeito para com o sujeito negro, o que assim ajuda no combate à discriminação e preconceito.

Na sociedade de consumo, beleza e identidade se confundem, visto que o mercado mercantiliza identidades criando novos nichos de mercado, como é o caso da beleza negra e seus cosméticos afro. Devido ao aumento da renda, consequência de uma maior escolarização (muitas vezes por conta de políticas de ações afirmativas) negras/os têm aumentado seu poder de consumo. Na lógica do capital e seus lucros, o mercado disponibiliza diversas linhas para atender às diferenças das/dos consumidoras/es negras/os (GOMES; DUQUE-ARRAZOLA, 2019, p. 195).

Novos nichos no mercado foram e são criados. Mas, por trás desse mercado/indústria e mídia, não ocupamos esses espaços, não nos beneficiamos enquanto o lucro da Indústria/mercado e mídia. Ainda há uma dominação branca, o que nos faz lembrar assim o nosso passado escravocrata. Por trás de toda a mídia, indústria/mercado, vemos também uma “escala de padronização” e aceitação do cabelo e penteado afro, não são todos os tipos de cabelos e penteados afros que são apresentados e representados em propagandas midiáticas, sempre vemos a representação dos cabelos cacheados, vemos um apelo e discussão dos produtos capilares em torno dos cabelos crespos e cacheados. Mas logo os cabelos crespos (pixaim) não figuram em cremes, shampoos, condicionadores, óleos, para os cabelos cacheados; o que ainda é aceitável pela a sociedade e deixa de lado os cabelos crespos; esses ainda têm má visibilidade e representação no mercado. Mas isso não quer disse que os indivíduos que possuem cabelos crespos/pixaim não deixem de comprar os produtos capilares que não figuram realmente os seus cabelos. Também são potenciais consumidores, gerando assim lucros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a população negra no Brasil é maioria, como também os pilares desse país, a economia e cultura foram construídos com a força e poder da gente negra. Ainda mediante isso se verifica a existência do racismo no Brasil e, infelizmente, se estruturou em nossa sociedade. Quem mais sofre, com isso, com o racismo no Brasil é a gente negra, sendo um alvo fácil - balas perdidas são achadas e encontradas nos corpos negros. Nossos traços e nossa cor são julgados e subjugados.

Um dos traços da gente negra que é constantemente atacado é o cabelo e penteado afro. Fios capilares, algo natural e biológico em nosso corpo. Entretanto, infelizmente, traz um incomodo para a população branca. Que incômodos são esses? Preconceito e racismo. Os cabelos e penteados afros são atacados, inferiorizados e marginalizados. Não são aceitos pela sociedade. Hoje, no século XXI, tem mercados, indústrias e multimídias voltadas para o cabelo afro. Mas isso não significa que o cabelo afro e penteados sejam aceitos. Vimos todo um apelo, pela indústria, mercado e multimídia em torno do cabelo afro. O que é positivo para a população negra, mas por traz dessas indústrias, mercados e multimídias, não há gente negra, nem é feita por gente negra, é sim, por gente branca.

Então para tirar e extrair lucros da população negra, os cabelos e penteados afros são aceitos. Na multimídia há toda uma apresentação e embelezamento dos corpos negros e seus cabelos, o que também é positivo, para o empoderamento, representação, aceitação e construção identitária da população negra, como isso também quebra o preconceito. Mas infelizmente por traz das apelações midiáticas, na sociedade, os traços e características negras, não são enaltecidos.

Todavia, a mesma sociedade e pessoa branca, que julga e discrimina os penteados e cabelos afros, fazem o uso dele. ‘No negro é feio, mas no branco não’: Com isso ainda temos barreiras a serem quebradas, e lutar em rede de apoio, negros apoiando negros. Não termos que escondermos, retiramos ou prendermos nossos traços, cor, nossa origem.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Nídia Batista dos Santos dos. **Cabelos afro-descendentes: a formação da identidade negra na cidade de Candeias**. UNILAB, São Francisco do Conde. 2017.
- BALHEGO, Juliana de Melo. **Cabelo ruim?: a representação do cabelo crespo na publicidade brasileira**. UFRGS, Porto Alegre, 2016.
- BELEZA e SAÚDE. Como cuidar dos cabelos crespos e afros. In Site Eletrônico, BELEZA e SAÚDE. Disponível em: <https://belezaesaude.com/cabelos-crespos-afros/>. Acessado em: 10 fev. 2022.
- BORGES, Rebeca. CORRÊA, Alice. Mulheres negras assumem os fios crespos na mídia. In Site Eletrônico. Correio Braziliense. 18/ 11/ 2017. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/11/18/interna_diversao_arte,641738/mulheres-negras-assumem-os-fios-crespos-na-midia.shtm . Acesso em: 14 jan. 2022.
- CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa et al. Cabelos crespos em movimento (s): infância e relações étnico-raciais. UFSC, Florianópolis. 2020.
- FONTES, Leonardo. Maioria da população brasileira é negra e feminina, mas é governada por homens e brancos. In: Site Eletrônico, **Ecodebate**, ISSN 2446-9394, 14/10/2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/10/14/maioria-da-populacao-brasileira-e-negra-e-feminina-mas-e-governada-por-homens-e-brancos/>. Acesso em 05 jan. 2022.
- GOMES, Flávio; FERREIRA, Roquinaldo. A miragem da miscigenação. **Novos estudos CEBRAP**, p. 141-160, 2008.
- GOMES, Cláudia; DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, n. 27, p. 184-205, 2019.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.
- MAIA, Adriana Valério. **A música popular brasileira e a ditadura militar: vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão**. RIUT, 2015.
- PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. Negritude, apropriação cultural e a “crise conceitual” das identidades na modernidade. **Simpósio Nacional de História, XXVIII**, 2015.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires. 2005.

- RESENDE, Andre. Registros ocultos revelam que população negra na PB era o dobro da branca há 200 anos, diz pesquisador. *In*: Site Eletrônico **G1, Paraíba**. 20/11/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/registros-ocultos-revelam-que-populacao-negra-na-pb-era-o-dobro-da-branca-ha-200-anos-diz-pesquisador.ghtml>. Acessado em: 05/01/2022.
- SANTANA, Bianca. Mulher, cabelo e mídia. **Revista Comunicare**, v. 14, n. 1, p. 132-144, 2014.
- SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos et al. **Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic (Curitiba-PR)**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. **Construção e desconstrução do discurso culturalista na política africana do Brasil**. Revista de Informação Legislativa, Brasília, v. 30, n. 118, p. 219-236, abr./jun. 1993.
- SANTOS, Diego Junior da Silva et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press Journal of Orthodontics**, v. 15, p. 121-124, 2010.
- SILVA FONTANA, Larissa da *et al.* **O discurso do colorismo no Brasil: processos de racialização e genderização nos dizeres da identidade nacional e das mídias negras**, 2021.
- ZENKLUB. Transição capilar: “Me conheci como mulher negra” (entrevista) In site Eletrônico, ZENKLUB. 07/05/2018. Disponível em: <https://zenklub.com.br/blog/autoconhecimento/transicao-capilar-mulher-negra/>. Acessado em 17/01/2022.